

Tradução do texto

Imaginação em psicologia: Alguns passos necessários, de Gordon W. Allport

Text translation

Imagination in Psychology: Some Steps of Execution, by Gordon W. Allport

Renan Carletti¹, Júlia Santa Clara²

¹ Doutor em Psicologia Clínica pela USP e estágio de pós-doutorado no Laboratório de Mídia, Comportamento e Política (LABO/PUC-SP). Atua como professor universitário e psicólogo clínico. Doutor em Psicologia Clínica pela USP (2021). Formação Teórica em Psicologia Fenomenológica-Hermenêutica pelo Instituto Dasein (2018). Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP (2015). Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo (2012). E-mail: carletti.rs@gmail.com.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP – USP (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da FFCLRP) e integrante do Laboratório de Pesquisa e Estudo em Práticas Grupais do mesmo Programa. Histórico de Formação Graduada em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2013), pós-graduada em Psicossociologia da Juventude e Políticas Públicas pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (2015). E-mail: juliascaf@gmail.com.

Resumo

O presente artigo é uma tradução do texto de Gordon Allport chamado “Imagination in Psychology: Some Steps of Execution” publicado em 1964 no livro “Imagination and the University”. Situado em uma época de embate entre a psicanálise e a psicologia comportamental, Allport percebe na fenomenologia uma forma de possibilitar novos olhares para as questões epistemológicas enfrentadas na Psicologia. Para ele, há um grupo chamado de reducionistas, que defende uma única perspectiva teórica para abordagem das questões psicológicas. Diferente disso, Allport propõe uma perspectiva que se assemelha a um pluralismo sistemático, ou seja, é possível se utilizar de diversas teorias para analisar um mesmo problema. O crivo para selecionar quais os conceitos deverão ser utilizados em uma teoria é o próprio profissional junto à sua capacidade imaginativa. Allport encerra o texto de forma esperançosa, condicionando as contribuições da Psicologia às diversas áreas da sociedade, ao amadurecimento de suas reflexões e aos debates internos.

Palavras-chave: Gordon Allport; psicologia; pluralismo teórico; epistemologia.

Abstract

The present article is a translation of the text by Gordon Allport “Imagination in Psychology: Some Steps of Execution”, published in 1964 in the book “Imagination and the University”. Set in a time of a clash between psychoanalysis and behavioral psychology, Allport perceives in phenomenology a force that can enable new looks at the epistemological issues faced in Psychology. For him, there is a group called reductionists, who defend a single theoretical perspective to approach psychological issues. Allport proposes a perspective that is similar to a systematic pluralism, that is, it is possible to use different theories to analyze the same problem. The sieve to select which concepts should be used in a theory is the professional himself along with his imaginative capacity. Allport ends the text in a hopeful way, conditioning the contributions that Psychology can make to society, to the maturation of its reflections and internal debates.

Keywords: Gordon Allport; psychology; theoretical pluralism; epistemology.

Imaginação em psicologia: Alguns passos necessários – Gordon W. Allport³

O presente artigo reflete sobre a postura epistemológica de Gordon W. Allport em relação à psicologia em sua época. A pertinência de trazer a tradução deste texto hoje se dá não tanto pelas expectativas de Allport em relação ao futuro da psicologia (no qual ele vislumbra, de forma bastante otimista, contribuições para as mais diversas áreas), mas principalmente pela postura do psicólogo norte-americano ao defender uma posição plural e não dogmática das teorias psicológicas. Entendemos que a psicopatologia é o campo fértil em que um diálogo entre disciplinas distintas pode acontecer seja pela interação entre profissionais de diversas áreas, seja pela complexidade do fenômeno psicopatológico que abarca diversos aspectos: sejam eles históricos, culturais, sociológicos, antropológicos e religiosos.

O frescor do texto de Allport nos relembra que o diálogo entre diferentes perspectivas teóricas é possível e que a postura que insiste numa radicalidade da diferença epistemológica negligencia um olhar cuidadoso para as possibilidades de traçar distanciamentos e proximidades entre as inúmeras perspectivas teóricas para os fenômenos psicológicos e psicopatológicos. Em nossa experiência como supervisores e professores de cursos de psicologia, é comum alunos e alunas relatarem sobre a “necessidade de escolher uma abordagem”. Entendemos que o artigo de Allport questiona esse imperativo e nos convida a pensar a pluralidade de nossa área e seus caminhos.

Tradução

*Gordon W. Allport foi Professor de Psicologia, Departamento de Relações Sociais, da Universidade de Harvard. Após a graduação em Harvard, Allport completou seus estudos avançados em Berlim, Hamburgo e Cambridge, Inglaterra. Após alguns anos no Dartmouth College, ele se juntou ao corpo docente permanente da Harvard University em 1930. Membro sênior da American Psychological Association por muitos anos, o professor Allport foi homenageado pelas sociedades psicológicas nacionais da Inglaterra, França e Alemanha. Gordon Allport é talvez mais conhecido pelos seguintes trabalhos; *Personalidade: uma interpretação psicológica*; *A psicologia do boato*; *O indivíduo e sua religião*; *A natureza do preconceito*; e *Padrão e Crescimento da Personalidade*.*

Algumas pessoas se arrepiam só de pensar que a psicologia pode desenvolver mais imaginação do que ela já desenvolveu. Elas vão dizer, “veja só o que vocês psicólogos já

³ Em: BRONOWSKI et. al (1964). **Imagination and the University**: University of Toronto Press. (p. 63-82)

fizeram”. Vocês nos acrescentaram as máquinas de ensino, os computadores e os simuladores; e mediram todos os nossos quocientes (QIs, EQs, AQs e até mesmo QPs – quocientes de personalidade). Vocês nos submeteram a drogas da verdade e detectores de mentiras, a pesquisas de opinião e questionários, a labirintos e outras loucuras; e, o pior de tudo, vocês nos confundiram com aquela estranha e perturbadora família vienense de Édipo. Não queremos mais nada da imaginação de vocês. O que precisamos é uma estratégia pela qual possamos resistir à impertinência de vocês. Nossa admiração é pelo pobre sujeito que se candidatou a um emprego no serviço de inteligência britânico. Ele tinha a tarefa de acertar uma garrafa. Então, um psicólogo foi solicitado a descobrir se essa era sua fraqueza. Em seguida, o psicólogo aplicou-lhe um teste de associação de palavras.

“‘Diga-me o que primeiro vem à sua mente quando eu digo: Haig!’; ‘Oh’; respondeu o requerente, ‘Haig – você sabe – um famoso general – Primeira Guerra Mundial – Norte da África e tudo mais’

‘Gordon!’; ‘Oh sim, outro general: Gordon, o chinês, Rebelião dos boxeadores.’

‘Booth!’; ‘Oh sim, outro general. Desta vez, do Exército de Salvação.’

‘Vat 69!’; ‘Bom... poderia ser esse o número de telefone do Papa?’”

Com esse tipo de resistência, eu também simpatizo. Mas a atual impertinência da psicologia será melhor curada não privando-a de sua imaginação, mas dotando-a de mais.

Uma era em transição

No momento atual, a psicologia se assemelha a um jovem, desajeitado e arrogante talvez, mas claramente brilhante e cheio de promessas. Sua situação pode ser mais bem compreendida na perspectiva da história intelectual do século atual.

As primeiras figuras monumentais da psicologia – devemos chamar Wilhelm Wundt, William James, William McDougall e John Dewey – nos afastaram da filosofia puramente especulativa em direção a uma visão amplamente empírica da natureza humana. Embora favorecessem as evidências empíricas de laboratório ou clínica, não tinham muitas delas disponíveis; nem queriam perder sua visão sinóptica do assunto da psicologia, a saber, a constituição total da natureza humana.

A revolta deles contra a filosofia não foi longe o suficiente para agradar a certos entusiastas que disseram: podemos dar a vocês uma fórmula mais simples para a natureza

humana. Freud, por exemplo, nos ofereceu um confortável tripé conceitual: o id, o ego e o superego. Watson e a escola comportamental disseram que tudo era uma questão de reações aos estímulos. Assim, desenvolveu-se uma série de conceitos reducionistas de fácil compreensão como: o inconsciente, o condicionamento, o reforço e a hierarquia de hábitos. O reducionismo é a doutrina que afirma que todas as complexidades da natureza humana podem ser explicadas em princípio com o auxílio de um mecanismo ou um grupo de mecanismos favorecidos por um teórico específico.

Mas o *Zeitgeist* deste século foi ainda mais longe. A psicologia foi pega na mesma teia que outras ciências, junto com a filosofia, a arte e a crítica literária. Uma era de reducionismo positivista extremo se instalou. Todas as teorias tornaram-se suspeitas por causa de sua sedução verbal e escasso suporte empírico. Wundt e James, McDougall e até Freud estavam nos oferecendo essencialmente a visão de um homem, uma interpretação pessoal. Disseram-nos que isso não é ciência, pois se baseia em significados pessoais e todos os significados são subjetivos.

Melhor, dizia-se, torne-se objetivo; evite a introspecção; evite significados pessoais. Faça uma limpeza no vocabulário; defina termos de forma operacional. Sempre que possível, ajuste todos os dados a modelos matemáticos ou de computador; empregue estatísticas; determine probabilidades. Minimize variáveis inesperadas; melhor ainda, pense em termos de um “organismo vazio”, de modo que todas as medidas e os conceitos possam ser publicamente verificáveis.

É importante notar que essa tendência ao positivismo extremo não se limitou à psicologia. Havia um paralelo preciso na filosofia que repudiava amplamente a metafísica e a teoria dos valores em favor da análise e da metodologia da linguagem. Houve um paralelo na neocrítica literária em que um poema é despojado de seu contexto, separado da personalidade do autor e analisado como uma série de palavras isoladas, empregando nada mais do que a própria evidência textual. Na arte, realismo e representação, por mais dependentes que sejam do significado e da tradição, foram para o lixo. Abstrações, refletindo apenas a experiência momentânea do artista, estavam em voga.

Todos os campos da atividade humana estavam dizendo: vamos esquecer nossa bagagem tradicional de palavras, palavras, palavras. Nada é confiável a menos que você possa reduzir a operações físicas e mensuráveis. Nada é verdadeiro a menos que os analistas de linguagem possam definir o conceito de verdade. No caso da criação literária e artística, limitemo-nos a apresentar recortes de experiências definíveis e evidências textuais.

Este período do passado recente, que podemos chamar de era da “limpeza total”, de forma alguma terminou. Na psicologia, observamos os efeitos do reducionismo ao longo de

toda sua história recente. A teorização atual, em contraste com a teorização sinóptica anterior, é muito simplificada. Às vezes há uma redução ao biologismo – tendência já percebida em Freud; às vezes ao fisicalismo, como na psicologia de estímulo-resposta; às vezes, ao operacionismo, às analogias cibernéticas, às analogias do computador, às fórmulas matemáticas, incluindo, é claro, a análise fatorial e as outras formas de um empirismo inadequado. Os produtos de tais reduções foram, e em grande medida ainda são, considerados como a palavra final do psicólogo.

Esta era, como eu disse, ainda não acabou, e esperamos que não desapareça completamente, pois as lições que ensina são valiosas demais para serem perdidas. Ninguém, exceto talvez alguns sábios filósofos, gostaria de retornar aos sistemas *a priori* da teoria psicológica que tinham pouco ou nenhum monitoramento empírico.

Ao mesmo tempo, uma reação notável já está ocorrendo. Uma marca é o ressurgimento do conceito de *self* durante as últimas duas décadas. Outra é o movimento existencial que é peculiarmente hábil em aceitar a fragmentação da vida e a dissipação de valores enquanto, e ao mesmo tempo, busca, por meio de seus conceitos de “transcendência”, “compromisso” e “vontade de sentido”, neutralizar a atomização do pensamento e a desintegração da intenção dos atos humanos. Também se nota no aumento do interesse pelos objetivos da terapia e pelos objetivos da nação. O renascimento da fenomenologia como método psicológico é um desenvolvimento proeminente. Relacionado a esse amplo movimento geral está o direcionamento da psicanálise para a chamada “psicologia do ego”. Essa reação também pode ser percebida pelos novos periódicos que estão surgindo dedicados à psicologia individual, à psicologia existencial, à psicologia humanística. A tendência é tão marcante que foi chamada de “terceira força” na psicologia moderna.

E assim chegamos à era que está por vir. Ela pode manter os ganhos críticos das últimas décadas e ainda escapar da banalização da perspectiva que acompanha a redução extrema? É possível alcançar um novo nível de teoria sinóptica com seu respeito pela totalidade da mente humana sem sacrificar os ganhos no método crítico tão recentemente alcançados? Minha resposta é um cauteloso “sim”. Para fazer isso, é necessário, em primeiro lugar, identificar as características da natureza humana que se perderam de vista na debandada reducionista. O segundo requisito, claro, é ter clareza das lições metodológicas que aprendemos tão recentemente.

Morfogênese e personalidade

Podemos ilustrar essa dupla necessidade considerando um problema do campo da personalidade humana.

Todos sabem que cada sistema neuropsíquico humano é único. Com genótipos únicos de herança e ambientes pessoais nunca repetidos, não poderia ser de outra forma. E todos sabem que, embora não haja uma unidade final em um determinado sistema de personalidade, cada sistema, não obstante, é altamente organizado e padronizado de uma maneira consistente. Será que a ciência da psicologia até agora lidou adequadamente com esta situação? Eu acho que não. A imagem que a psicologia oferece é principalmente uma imagem de dimensões, não de pessoas.

Diferenças individuais (ou dimensões) são permitidas livremente, mas a personalidade é algo mais do que uma interseção de dimensões. Ou seja, sua personalidade não é simplesmente seu conjunto de pontuações em realização, ascendência, introversão, inteligência, neuroticismo ou nos Fatores A, B e C. Na verdade, essas dimensões gerais ou nomotéticas, que são a bagagem atual do psicólogo na sua atuação, podem até não ser relevantes para sua estrutura pessoal. Se alguns são relevantes (de maneira aproximada), a questão não é como suas pontuações nessas variáveis diferem das pontuações de outras pessoas, mas sim como essas qualidades se modificam em seu próprio sistema de funcionamento.

A imaginação é necessária para nos fornecer métodos apropriados ao padrão e ao crescimento da pessoa singular. Temos uma distância considerável a percorrer antes de melhorar nossa avaliação de compreensão do indivíduo e nossa previsão de controle de seu comportamento. Para mim, não é aceitável argumentar que esse desafio da singularidade está fora do domínio da ciência, uma vez que a ciência, dizem, lida apenas com leis gerais e nunca com ocorrências únicas. Qualquer que seja o dogma nas ciências naturais, insisto que a psicologia é atribuída ao problema da personalidade humana e que, para lidar com isso de forma adequada, ela deve se concentrar na morfogênese do padrão único como ele existe. Um psicólogo é definido no código de ética oficial da American Psychological Association (1959) como uma pessoa “comprometida em aumentar a compreensão que o homem tem do homem”. E o homem, suponho, existe apenas em formas concretas, especificáveis e únicas. Se você responder que cada objeto na natureza é único – cada pedra, cada árvore, cada pássaro – permaneço com a mesma opinião. O fato é que o sistema humano individual é tão enormemente complexo e tão incrivelmente variado em suas trocas com o mundo, e tão envolvido em sua

autorregulação, que não se pode ignorar o desafio da singularidade refugiando-se em analogias com a natureza inanimada ou formas inferiores de vida.

A questão diante de nós não é nova. Foi discutida muitas vezes, por exemplo, por Meehl (1954), Sarbin, Taft e Bentley (1960) e, mais recentemente, por Holt (1962). Se não estou enganado, a maioria das discussões termina com uma elaborada defesa da análise dimensional. Somos informados de várias maneiras de que não é possível para a ciência lidar com a exclusividade padronizada, ou temos certeza de que, em última análise, não há diferença entre o estudo molecular (isto é, dimensional) e o estudo morfogênico. Todo biólogo conhece a diferença entre biologia molecular e morfogênica, mas os psicólogos demoram a reconhecer a diferença paralela em sua própria ciência.

Como Meehl apontou, há duas questões distintas nessa disputa. Uma diz respeito ao processo de compreensão. Como o psicólogo reúne em uma única imagem todos os fragmentos de informação que obtém sobre uma pessoa? Esta questão levanta a problemática questão dos papéis do conhecimento inferencial ou associativo em comparação ao conhecimento intuitivo ou configuracional. Questões epistemológicas não resolvidas são levantadas aqui. Para a psicologia, a questão foi formulada em termos da previsibilidade relativa que resulta de seguir o método de previsão estatística (ou atuarial) com base no comportamento do ser humano médio de uma determinada classe, em comparação com o sucesso na previsão com base em percepções clínicas (individuais). Uma vez que estamos longe de alcançar uma solução aceitável nesta disputa, apelo à imaginação para conceber métodos mais apropriados de submeter o assunto a testes empíricos.

Uma segunda questão na disputa dimensional-morfogênica diz respeito ao tipo de dados necessários para avaliar o comportamento individual. As pontuações derivadas de escalas dimensionais, de testes projetivos ou de questionários são os únicos dados de que precisamos? Em geral, esse é o tipo de evidências com as quais estamos trabalhando agora.

A limitação teórica dessa abordagem prevalente é clara. Quando avaliamos um indivíduo em termos de questionários ou pontuações de Rorschach, ou qualquer coisa semelhante, estamos assumindo que a constituição básica de sua personalidade é qualitativamente semelhante à de todas as outras pessoas. As mesmas dimensões são impostas a todos os sujeitos. Eles podem variar quantitativamente, mas apenas no que diz respeito às dimensões impostas pelo experimentador. Mas e se as clivagens em nossas próprias vidas, nossas “disposições pessoais”, não corresponderem ao corte em termos de “traços comuns”? (Allport, 1961, caps. 14, 15.) Não precisaríamos então de uma nova linha de base, uma nova forma para descobrir a natureza dessas disposições pessoais únicas?

Para dar um exemplo. Suponha que desejamos descobrir os principais interesses ou valores de uma pessoa. Neste momento, temos várias escalas pré-codificadas que podemos administrar (Kuder, Strong, Allport-Vernon-Lindzey). O que descobrimos, é claro, é exatamente o que esperávamos: variações quantitativas nas dimensões prescritas pelo experimentador, e não necessariamente prescritas pela vida que estamos estudando.

Mais diretamente morfogênico é a forma antiquada de perguntar ao sujeito: o que você quer da vida? E ainda há muito a ser dito sobre esse procedimento simples. O problema é que Freud nos tornou cientes do autoengano que pode se insinuar. Também é verdade que algumas pessoas podem não ser capazes de articular seus próprios valores, algumas podem nem mesmo saber quais são.

Recentemente, Cantril e Free (1962) abordaram esse problema com o tipo de imaginação que acho que precisamos. Indivíduos em muitos países diferentes (incluindo Índia, Nigéria, Brasil e Polônia, além dos Estados Unidos) são solicitados a definir da forma mais clara que conseguissem, o modo de vida “melhor possível” para si mesmos. Quando a pergunta termina, é mostrada a imagem de uma escada e o pesquisador afirma que o degrau mais alto (de 1 a 10) representa esse modo de vida. O participante então é questionado em qual dos dez degraus se localizaria hoje no processo de escalar em direção às suas aspirações. Onde ele estava há cinco anos? Onde ele espera estar daqui a cinco anos? Desta forma, interessantes reflexões morais e perspectivas são obtidas em uma escala que é autorreferencial. O sujeito também é convidado a descrever o pior modo de vida possível que ele pode imaginar. Esta temida contingência está localizada na base da escada. Curiosamente, o modo de vida mais temido raramente é um oposto lógico da melhor maneira possível, embora a escada forme algum tipo de *continuum* psicológico na mente do sujeito. Aqui está um exemplo claro em que as dimensões lógicas de um experimentador podem não representar as dimensões fenomenológicas da pessoa que ele está estudando.

Você pode perguntar, bem, dado que esse método estabelece uma linha de base única para o indivíduo pela qual podemos localizar suas intenções e medir seu progresso, o que pode ser feito com tamanha quantidade de dados solipsísticos? Isso não prova apenas que todo indivíduo é desesperadamente solitário?

Não. Ao analisar milhares de casos, Cantril descobre que pode ser construído um código elaborado, composto por cerca de 145 itens, que incluirá, em diferentes proporções, a maioria dos modos de vida que foram mencionados em todos os países estudados. Ah, você pode dizer, portanto, voltamos a um esquema dimensional. Sim, para fins de comparação fazemos, mas com duas diferenças marcantes de nosso dimensionalismo usual. Em primeiro lugar, nenhum

indivíduo é forçado a aderir ao código comum se de fato suas aspirações forem *sui generis*; e em segundo lugar, as dimensões usadas são derivadas indutivamente de aspirações como realmente experimentadas e não inventadas em laboratório por um cientista.

Menciono este exemplo de um passo criativo que foi dado para aproximar a psicologia científica do estudo dos padrões morfogênicos. O exemplo acontece para lidar com o campo dos valores pessoais. Mas pode-se marcar outras áreas de padronização para estudo. Shapiro (1961), trabalhando com pacientes psiquiátricos, também demonstrou o uso da imaginação. Com base em uma entrevista intensiva de cinco horas com um paciente recém-chegado, ele constrói um questionário, a partir do qual se torna o padrão para esse paciente em particular, embora não seja diretamente relevante para qualquer outro paciente. Ele passa a ser usado em intervalos de meses ou anos. Com isso, o instrumento mostra o curso de melhora ou piora na saúde, bem como mudanças em atitudes e perspectivas.

Em outro lugar (Allport, 1962), reuni vários outros métodos recentemente concebidos que, a meu ver, exemplificam a abordagem morfogênica negligenciada do estudo da personalidade. Não vou repetir a lista aqui, mas direi que, embora tais métodos não sejam, de forma alguma, comuns, eles mostram que, em princípio, a imaginação é possível. Algumas técnicas que parecem misturar procedimentos dimensionais e morfogênicos, como o Q-sort e o teste “Rep”, também são ganhos parciais. Mas ainda temos muito a seguir na direção que descrevo. Deixe-me dizer claramente: nossos métodos dimensionais habituais têm seu mérito. Meu ponto é simplesmente que eles são unilaterais e precisam de suplementação criativa.

Outros passos necessários

Em quais outras áreas, além da avaliação da personalidade, a psicologia precisa expandir sua imaginação? É claro que não posso escrever uma agenda científica para o futuro, mas arriscarei chamar a atenção brevemente para alguns campos particularmente carentes.

O reducionismo nos deixou uma descrição peculiarmente pobre do aprendizado humano. Digo isso apesar de o aprendizado ser provavelmente o tópico mais trabalhado em nossa ciência. O condicionamento e o reforço nos levam apenas a uma curta distância na compreensão dos mistérios da aquisição de conhecimentos, habilidades e motivos. Ainda assim, condicionamento e reforço são conceitos enormemente populares. Com verdadeiro zelo reducionista, muitas vezes são oferecidos como uma fórmula universal. Hoje, suspeito que mais e mais psicólogos percebem que prever a aprendizagem de adultos em termos de reforços passados é uma extrapolação injustificada de experimentos isolados e inadequados. Na verdade,

o próprio conceito de “aprendizagem” parece inadequado. O que um ser humano faz, pelo menos após a fase da infância, é absorver, dominar, cobrir tudo o que é relevante para sua concepção de si mesmo. E ele não faz isso, eu sugiro, a fim de reduzir as tensões, como sustentaria a teoria da aprendizagem prevalente, mas a fim de manter as tensões que são apropriadas ao seu senso de identidade pessoal. Claramente, esta é uma questão altamente complexa e exigirá uma reformulação imaginativa no futuro.

Considere o tópico mais específico da consciência. Freud percebeu que, nas crianças, a ordem dos pais é interiorizada na forma de um superego. Surge a questão de saber se esta consciência “obrigatória” da infância tem normalmente qualquer vínculo funcional com o senso de obrigação moral de um adulto maduro. Não será que a consciência de “devo fazer algo” dos adultos em vidas normais é funcionalmente autônoma da consciência “sou obrigado a fazer algo”⁴ da infância?

Freud, admitimos com gratidão, nos deu o dom do autoescrutínio, incluindo a arte de olhar para trás em direção à infância. Mas agora que podemos ficar em seus ombros, podemos ver mais longe do que ele podia ver – o que havia antes e depois. A consciência que descobrimos tem um horizonte mais amplo do que ele imaginava. A religião também. De acordo com Freud, o sentimento religioso é uma elaboração de nossa visão infantil do pai terreno e assim pode ser em um grau limitado. Mas um estudo mais completo do papel do sentimento religioso em adultos normais certamente mostrará como a fórmula reducionista de Freud é tênue. Pode-se falar também do tratamento libertador do sexo por Freud. Mas se o sexo é o todo do complexo sentimento de amor, é duvidoso. É para o crédito de Fromm e de outros que esta questão agora está sendo levantada em um novo contexto psicológico.

É um fato estranho que os psicólogos conduzam dezenas de investigações sobre agressão para cada investigação sobre união ou amor. Eles estudam o estresse, mas não o relaxamento; dor, mas não alegria; privação, mas não satisfação; preconceito, mas não amizade. Exatamente por que os aspectos mais sórdidos da vida atraíram principalmente psicólogos até agora, não sei. Talvez seja pelo mesmo motivo que os jovens gostam de terror em seus quadrinhos.

Seria realmente complexo listar, dessa forma, breves áreas adicionais que se beneficiariam de uma imaginação mais ampla. Em vez dessa lista à parte, voltemos finalmente ao problema da construção de teorias.

⁴ Aqui, o autor faz um trocadilho entre “ought” para se referir ao adulto e “must” para se referir a infância.

Construção teórica

Falamos de teorias reducionistas. O tipo oposto pode ser apropriadamente chamado de pluralístico. Um pluralista em psicologia é um pensador que não excluirá nenhum atributo da natureza humana que pareça importante a partir de sua própria perspectiva. Como o pluralista na filosofia, ele favorece a multiplicidade e a diversidade de interpretação. O resultado, é claro, é uma curiosa mistura de teorias.

Existe uma analogia com o conceito de “pluralismo cultural”. Sempre que defendemos o pluralismo cultural, estamos, na verdade, defendendo uma nação na qual cada linha étnica mantém sua identidade. Certamente, esperamos, ao mesmo tempo, alguma forma de unidade nacional geral, mas a possibilidade de uma unidade total acaba sendo um tanto vaga e incompleta e, em alguns aspectos, contraditória. Aqueles que pensam que é melhor para uma nação almejar a assimilação completa são análogos aos reducionistas. É melhor, dizem eles, trabalhar pela unidade orgânica em vez de arriscar a frouxidão e a desordem do pluralismo.

No que diz respeito à construção de teorias psicológicas, existe o mesmo dilema. Tudo o que é concebível sobre a natureza humana é concebido em mentes humanas específicas e mentes humanas específicas são limitadas. Nenhum tipo de mente é capaz de discernir a totalidade da verdade. Com base nesse simples fato, William James construiu seu próprio tipo de pluralismo. Nenhuma fórmula, afirmou ele, poderia abranger tudo o que é concebivelmente verdadeiro. A diversidade de conhecimentos válidos é tal que nenhum construtor de teorias pode abarcar a totalidade.

Ao mesmo tempo, nossa habilidade racional insiste em fazer sistemas conceituais – e quanto mais fechado e rígido o sistema é, mais racional ele parece ser e mais satisfatório. Estamos, portanto, presos no dilema: queremos sistemas coerentes, mas não somos capazes de incluir em nossa coerência limitada toda a diversidade de funcionamento mental que encontramos. O reducionista é a pessoa que resolve o dilema favorecendo a coerência em vez da adequação. Ele está disposto a se cegar, permanente ou temporariamente, para as complexidades de seu assunto, a fim de colher as recompensas do racionalismo. O pluralista, por outro lado, está disposto a sacrificar a coerência racional para manter vivo seu reconhecimento da diversidade e da sutileza.

A maneira mais óbvia de ser pluralista é ser eclético. Um eclético escolhe doutrinas e princípios de vários sistemas de pensamento e, de alguma forma, os combina de acordo com seu próprio temperamento. Se seu temperamento puder tolerar contradições, ele se verá sustentando uma teoria em um momento e uma teoria oposta no próximo. Se acusado de

ilogicidade, ele pode replicar, com Emerson, que “a consistência é o duende das mentes pequenas”. Nada que pareça verdadeiro em qualquer contexto pode ser negado, nem mesmo se essas verdades especiais não forem coerentes.

Na psicologia de William James encontramos muitos paradoxos desse tipo (Allport, 1943). Sua mente acolhedora foi capaz, em diferentes contextos, de dar credibilidade à determinação e à liberdade; ao mentalismo e ao fisicalismo; ao paralelismo e ao interacionismo. Ele, igualmente, afirmava e negava o inconsciente; expressou esperança e desespero em relação ao futuro da psicologia como ciência.

James, é claro, alegou justificativa para seus paradoxos dentro da doutrina abrangente do pragmatismo. O pragmatismo nos diz que todo o propósito do pensamento é desenvolver conceitos que nos guiarão na ação prática. Se as consequências dessa ação forem frutíferas, então sabemos que alcançamos, de forma bem-sucedida, algum aspecto da verdade.

James sabia que sua posição era “assistêmica e livre”. Mas ele a preferiu ao que chamou de “terrível sabor da farsa”, que marca o trabalho de qualquer psicólogo que alega consistência e adequação perfeita para sua teoria. Ele, portanto, não aprovaria o reducionismo moderno com suas afirmações de autossuficiência, seja ele o psicanalista, o estímulo-resposta, o operacional ou algum outro posicionamento racionalmente satisfatório, mas parcial. O pluralismo tem o mérito de estimular a imaginação. Nada precisa ser descartado simplesmente porque repousa em uma hipótese herética (como a telepatia) ou em um método fora de moda (como os estudos de caso). Novas fronteiras são permitidas e a exploração incentivada.

Deixe-me repetir: o pluralismo não necessita negar os insights produzidos pelo reducionismo. Isso admite a evidência de reforço junto com a evidência de teorias de aprendizagem cognitivas e relevantes para o ego. Preserva os méritos da análise dimensional enquanto busca procedimentos morfogênicos para completar os padrões de individualidade. Admite a verdade que reside nas teorias de defesa do ego, ao mesmo tempo que dá margem à estrutura própria do self, livre de conflitos. Permite resquícios infantis no superego, mas também o senso adulto de obrigação moral. Admite o papel do estímulo, mas também o papel do desafio, que é consideravelmente mais do que um estímulo.

Ainda não respondemos à pergunta se esse tal pluralismo está condenado à ilógica do ecletismo temperamental; ou se o pragmatismo é a única base conceitual disponível. Minha própria resposta seria que, considerando a imaginação, a psicologia do futuro pode desenvolver uma posição teórica mais forte – que pode ser chamada de *pluralismo sistemático*.

Pluralismo sistemático

O objetivo do pluralismo sistemático é formar uma concepção da pessoa humana que não exclua nada que seja válido e, ao mesmo tempo, preserve nosso ideal de consistência racional. Isso permitirá o que é neural e o que é mental; para o que é consciente e o que é inconsciente; para o que é determinado e o que é espontâneo; para o que é estável e o que é variável; para o que é normal e o que é anormal; para o que é geral e o que é único. Todos esses paradoxos, e muitos outros, residem na realidade da estrutura humana. Todos representam capacidades verificáveis e nenhum pode ser descartado de consideração em nossa construção de teoria.

Não é possível neste momento, é claro, formular uma teoria abrangente da pessoa humana em termos de pluralismo sistemático. Tal formulação requer imaginação e, portanto, é atribuída à nossa agenda do futuro. Em outro lugar (1960), sugeri uma possível linha de abordagem.

O ponto de partida, creio eu, deveria ser a admissão de que a própria pessoa humana é o sistema primário (único, sim, mas ainda um sistema); e ele é um sistema de potencialidades incrivelmente diversas. Já estamos familiarizados com muitos tipos de sistemas naturais, variando em tipos do átomo ao sistema solar, de uma ameba a um homem, de um idiota a um Aristóteles. Mas os sistemas, sabemos, variam em seu grau de abertura. Um sistema inanimado (uma pedra ou uma ponte) obedece principalmente à segunda lei da termodinâmica. Um sistema animado (uma planta ou um pássaro) é autossustentável de acordo com o princípio da homeostase. Um sistema humano é ainda mais aberto. Ao mesmo tempo que, assim como as formas inferiores de vida, ele também se mantém por meio da homeostase, e possui uma alta capacidade de diferenciação tentando, incansavelmente, se tornar algo mais por meio da capacidade de prever, imaginar e vislumbrar ideais. E com encontros infinitamente mais complexos com o meio ambiente e com outros sistemas humanos.

Os ingredientes do sistema pessoal são os automatismos, os reflexos e os hábitos, as operações do inconsciente e do impulso biológico, bem como a bagagem de cultura e a classe social. A ênfase exclusiva nesses aspectos particulares da natureza humana levou à imagem reducionista do homem como um mecanismo reativo simples. Embora seu sistema certamente contenha todas essas características reativas, também contém características pró-ativas, produtivas e adequadas que escapam à maioria das visões reducionistas atuais.

Ao definir cada homem como um sistema, portanto, devemos incluir todas (e não apenas algumas) das características intrínsecas a esse sistema. Ao fazer isso, não nos contentaremos

com a teoria reducionista nem negaremos a verdade que nela reside. Não teremos que nos contentar com um ecletismo arbitrário, ou com um pluralismo pragmático, pois teremos definido nosso assunto de tal forma que todos e quaisquer dados válidos e todos os processos verificados possam ser integrados em nossa concepção central de homem como um sistema aberto. Mesmo que nenhum psicólogo seja capaz de discernir a totalidade, ele encaixará sua própria especialidade em um edifício teórico maior e mais hospitaleiro. Assim, espero, reconstruiremos a psicologia de modo que seja uma ciência mais aberta e mais coerente do que é atualmente.

Implicações para a sociedade

Propus essas várias etapas imaginativas não apenas no interesse de formar uma ciência psicológica mais adequada, mas também para melhorar sua utilidade.

Costuma-se dizer que o “Mundo Livre”⁵ precisa, acima de tudo, esclarecer seus objetivos. Somos contra os ditadores que sabem o que querem e, uma vez que o que desejam escraviza o espírito livre do homem, resistimos com razão aos seus desejos. Mas os cidadãos de nossa sociedade aberta sabem o que querem? Nossas faculdades e universidades sabem? Parece que eles se preocupam mais com o saber-fazer científico do que com o saber-por-quê filosófico de nossa existência. Eles falam sobre o *quê* mais do que o *para quê*.

A meu ver, uma concepção de sistema aberto da pessoa humana dentro da ciência da psicologia poderia levar a uma definição mais clara dos motivos básicos da humanidade. Isso poderia ser feito por meio de pesquisas interculturais e transnacionais aprimoradas. Até agora, esse tipo de pesquisa não se concentrou no problema central dos desejos e dos objetivos básicos universais da humanidade. Em vez disso, comparou culturas selecionadas no que diz respeito a suas práticas na educação infantil, em suas imagens de outros povos, em suas respostas à tecnologia moderna. Todos esses estudos são bons até o ponto em que vão. Mas eles partem de visões limitadas da natureza humana, ou às vezes, de nenhuma visão de forma geral.

Posso imaginar um estudo que terá como objetivo descobrir os motivos básicos e os modos universais de pensamento que podem permitir que os formuladores de políticas internacionais aprimorem sua atual estratégia oportunista e talvez descubram novas fórmulas para uma vida pacífica. Essencial para tal estudo seria traçar uma distinção entre as demandas das pessoas (que nada mais são do que soluções pré-concebidas para os problemas) e os desejos básicos que estão por trás das demandas. As necessidades da humanidade são provavelmente

⁵ O termo “mundo livre” refere-se aos valores americanos defendidos durante a Guerra Fria.

universais; as soluções propostas até agora são todas paroquiais. Ainda não temos conhecimento suficiente da humanidade para compensar as demandas políticas particularistas locais. Esse conhecimento é necessário como base para novas soluções para o conflito atual. É certo que será difícil mudar os hábitos dos políticos, mas se a psicologia oferecer uma orientação criativa, talvez isso possa ser feito.

Você pode objetar que já sabemos do desejo da humanidade pela paz e que, mesmo assim, fizemos pouco progresso no sentido de concretizar esse desejo. O obstáculo, eu suspeito, está na incapacidade dos formuladores de políticas até agora de considerar todo o padrão de desejos simultâneos, incluindo a necessidade de respeito pessoal, libertação do medo, elevação do padrão de vida mesmo durante o desarmamento⁶ e para algum sentido para se dedicar além do engrandecimento nacional. É todo o sistema da pessoa que deve ser levado em consideração, não um único segmento. E o conhecimento do sistema pessoal deve, é claro, ser suplementado pelo conhecimento do sistema social.

Além de sua importância para a política social, um pluralismo sistemático daria aos alunos do futuro uma base mais ampla para explorar e testar seus próprios valores individuais. Como professor, observei que os alunos tendem a ver suas próprias vidas em termos de qualquer estrutura reducionista da moda que lhes seja ensinada atualmente. Diz-se de Freud que, em comparação com a maioria dos psicólogos, mergulha de forma profunda no inconsciente, permanece por lá e retorna ainda mais instigante. Espero que a psicologia do futuro se aprofunde ainda mais, fique ainda mais tempo, explore mais amplamente e emerja com uma imagem mais verdadeira da totalidade da natureza humana.

Essa natureza tem limitações marcantes, mas também uma rica potencialidade. Se abriga o mal, também abriga o bem. Minha visão é de uma psicologia que saberá o melhor junto com o pior; isso nos permitirá tornar melhor o que é bom e, quando necessário, tirar o melhor proveito do pior.

É compreensível que até agora nossa ciência jovem tenha se deliciado com a iconoclastia e testado sua racionalidade inventando todos os tipos de modelos reducionistas envolventes e tenha admirado seus próprios métodos assépticos. Mas pagou um preço. Afastou-se de seu tema atribuído e costuma ser compulsiva em relação a seus próprios rituais. Mas um jovem supera sua própria adolescência e, finalmente, a maturidade intelectual chega.

⁶ Em 1968, foi aprovada uma lei para o controle de armas nos Estados Unidos.

Referências

- Allport, G. W. (1943). The Productive Paradoxes of William James, *Psychological Review*, 50, 95-120.
- Allport, G. W. (1960). *Personality and social encounter: Selected essays*. Beacon.
- Allport, G. W. (1961). *Pattern and growth in personality*. Holt, Reinhart & Winston.
- Allport, G. W. (1962). The Unique and the General in Psychological Science, *Journal of Personality*, 30, 405-422.
- American Psychological Association (1959). Ethical Standards of Psychologists, *American Psychologists*, 14, 279-282.
- Cantil, H. E Free, L. A. (1962). Hopes and Fears for Self and Country, *American Behavioral Scientist*, 6, Supplement.
- Holt, R. R. (1962). Individuality and Generalization in the Psychology of Personality, *Journal of Personality*, 30, 377-404.
- Meehl, P. E. (1954). *Clinical versus Statistical Prediction*. University of Minnesota Press.
- Sarbin, T. R., Taft E Bailey D. E. (1960). *Clinical Inference and Cognitive Theory*. Holt: Rinehart & Winston.
- Shapiro, M. B. (1961). The Single Case in Fundamental Clinical Psychological Research, *British Journal of Medical Psychology*, 34, 255-262